

Separata de:

OBSERVATÓRIO

N.º 1 — Dezembro — 1990

Revista do Sector de Acção Cultural
da Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia

Edição do
Sector de Acção Cultural
CÂMARA MUNICIPAL DE VILA NOVA DE GAIA
Casa Municipal de Cultura/Solar dos Condes de Resende
CANELAS — 4405 VALADARES — PORTUGAL
Telefone 7625622

MÉTODOS DE PESCA NO RIO DOURO (TRECHO INFERIOR)

P. J. Talhadas dos Santos

RESUMO

Os métodos de pesca no Rio Douro (trecho inferior) pouco se modificaram nos últimos decénios. A par do desaparecimento de algumas artes menos rentáveis, há a salientar a transição do uso da bateira para o da caíca e, na década de setenta, a motorização generalizada dos barcos.

A rarefacção das populações piscícolas provocou a redução do número de famílias que dependem da pesca fluvial para a sua subsistência, quase não havendo hoje pescadores que vivam exclusivamente desta actividade.

Nova regulamentação da pesca no Rio Douro é urgente para preservar não só os recursos mas também a actividade piscatória.

INTRODUÇÃO

A pesca no rio Douro é conhecida historicamente há séculos (BALDAQUE DA SILVA, 1891) sendo contudo provável que, desde os tempos da colonização da região pelos primeiros habitantes, o aproveitamento do seu elevado potencial piscícola tenha sido um recurso importante.

Referimo-nos aqui apenas ao trecho inferior do rio, não só por ser a zona mais produtiva, qualitativa e quantitativamente, mas por ser aquela que maior número de populações de pescadores alberga.

Uma revisão dos métodos empregues hoje pelos pescadores profissionais, e a comparação com os usados anteriormente, além de nos dar conhecimento da evolução sentida nesta actividade, fornece indicações sobre medidas a tomar pelas entidades responsáveis pelo sector, no sentido de manter um equilíbrio entre os recursos explorados e o rendimento dos pescadores.

Para a elaboração deste trabalho, além da consulta bibliográfica necessária, procedeu-se também ao contacto com pescadores de vários aglomerados ribeirinhos da zona considerada.

OS TRECHO INFERIOR DO RIO

O Rio Douro encontra-se hoje condicionado por uma série de barragens hidroeléctricas que regularizam o seu fluxo. Contudo, nas albufeiras formadas, não melhoraram as condições de pesca. A forte corrente, a profundidade irregular e a inclinação das margens, continuam hoje a ser obstáculos ao uso de redes mais produtivas. Por outro lado, os trabalhos de desassoreamento efectuados nos últimos anos, reduziram o número de praias favoráveis à fauna.

Com a construção das barragens, levantou-se o problema da livre circulação dos peixes, devido ao não funcionamento das eclusas, dificultando os movimentos migratórios de algumas espécies.

A partir da foz do rio para montante, os portos de pesca que existem são: Foz, Afurada, Porto, Valbom (Ribeira de Abade), Avintes, Foz do Sousa e Arnelas, todos a jusante da barragem de Crestuma.

OS PEIXES

As espécies mais importantes hoje pescadas no Douro podem dividir-se em quatro grupos:

- potádmomos (residentes exclusivamente em água doce), incluindo o barbo (*Barbus barbus bocagei*);
- didrmomos (circulam entre o rio e o mar), incluindo várias espécies de tainha (*Mugil* sp.);
- catádmomos (vivem no rio mas reproduzem-se no mar), incluindo a enguia (*Anguilla anguilla*) e a solha (*Platichthys flesus*);
- anádmomos (vivem no mar mas reproduzem-se no rio), incluindo o sável (*Alosa alosa*), a savelha (*Alosa fallax*) e a lampreia (*Petromyzon marinus*).

OS MÉTODOS DE PESCA

Actualmente, a jusante da barragem de Crestuma, a variedade dos métodos empregues é pequena, variando conforme a espécie a que a arte se destina.

As redes de emalhar são as mais usadas pelos pescadores profissionais. As redes deste tipo podem ser de pano único ou de três panos (tresmalho).

Um dos tipos de rede usado é a *rede solheira*, que é um tresmalho com mais de 150 m de comprimento e 1 m de altura, que se coloca no fundo em meia lua e depois é rebocada 10-20 minutos por um barco a motor. As redes legais têm pesos de barro mas as mais usadas têm-nos em chumbo para melhor arrastar no fundo. É, como o nome indica, usada para a pesca da solha e existe só na Afurada.

Uma arte, também de arrasto, mas para terra, que caiu em desuso é a *barga*. É uma rede de arrasto de fundo, com pesos de lousa, achatados para não se enterrarem. São necessários cinco homens para trabalhar com esta rede que tem mais de 100 m de comprimento e 3-4 de altura. Três deles vão no barco, um a remar e dois a lançar a rede, ficando os dois restantes em terra a assegurar um cabo que se liga a uma extremidade da rede. O barco quase atravessa o rio, desce um pouco e, completando o cerco, desembarca na mesma margem uns 150 m mais abaixo, começando imediatamente os três homens a puxar o cabo ligado ao outro extremo da rede. Entretanto, os primeiros vão descendo e juntam-se aos outros puxando a rede lado a lado. Este tipo de arte era usado para a captura do sável mas, com a rarefacção desta espécie, o número de redes em actividade diminuiu e hoje limita-se a cinco em Avintes e duas em Arnelas, trabalhando praticamente só ao fim de semana. Esta rede, conforme a malha usada, permite também capturar lampreia e outras espécies.

Para a pesca do sável, usa-se também uma *rede de emalhar flutuante*, de um só pano, com 100 m de comprimento e 4-6 m de altura. Lançadas do barco por dois homens, as redes podem permanecer na água desde cerca de três minutos (quando a corrente é forte) até uma hora (quando a corrente é fraca). Um extremo da arte fica sempre presa ao barco que geralmente transporta três pescadores.

O *lampreiro* é também uma rede flutuante (tresmalho), de malha apertada (30 mm) e de comprimento variável, da ordem dos 50 m. É usada para a pesca da lampreia, sendo lançada de um barco com dois a três pescadores. O seu uso é semelhante ao descrito para a rede de emalhar flutuante.

A *chinha* é um tresmalho de malha muito apertada (10 mm) que se usa para a pesca da enguia. É uma rede não flutuante que se coloca em fundões, junto ao fundo, onde fica um tempo variável (por vezes toda a noite) até ser recolhida sem ser arrastada.

A *tarrufa* é uma rede de cerco para o barco, pequena, de um só pano com 90-120 m de comprimento e um máximo de 30 m de altura na parte média. A malha é muito apertada (15 mm). É lançada por uma ou duas embarcações com cinco homens. Quando é lançada por um só barco, uma extremidade fica presa a uma bóia e o barco faz o cerco até se juntar novamente à boia, sendo depois puxada para dentro do barco. Se é lançada por dois barcos, um faz de bóia e o procedimento é idêntico. No regresso um dos barcos transporta a rede e o outro o peixe. O uso desta rede no rio é recente, tendo sido permitido o seu uso nos dois últimos invernos (de Dezembro a Março) em locais de profundidade superior a 10 m (para não arrastar), coincidindo com a época em que os pescadores não podem sair para o mar com os seus barcos pequenos. É uma rede usada pelos pescadores da Afurada.

A *chumbeira* ou *saia* é uma rede em forma de funil com 3 m de diâmetro máximo, com malha de 2,2 cm, tem uma corda no vértice e uma bainha com pesos num total de 5 Kg. Um pescador pode manobrá-la, lançando-a primeiro e, depois de assente no fundo, suspendendo-a pela corda do vértice até fechar no fundo e então pode retirá-la da água.

A rede para a loura é muito fina, tipo mosquiteiro e com 50 m (ou mais) de comprimento, com que se faz uma barragem do rio à superfície. A loura (e outros peixes) vai acumular-se junto à rede de onde é recolhida por uma espécie de pá. É uma rede proibida mas há sempre quem corra o risco e a use.

Outro tipo de artes ainda usadas são a *rapeta* e o *frole*. A rapeta ou ganhuço, para a captura da loura ou meixão, é uma vara com uma verguinha quadrangular (70 cm de lado) numa extremidade, que segura uma rede muito fina (tipo mosquiteiro). A loura é atraída pela luz de um candeeiro e é recolhida com a rapeta à superfície. Legalmente, a loura só pode ser capturada de terra mas há quem o faça de barco com vantagem. As zonas mais frequentadas por profissionais e por inúmeros amadores são o Cabedelo e o Areinho. Pelo contrário, o frole é já muito pouco usado. É uma linha com muito anzóis que se recolhe uma a duas horas após ter sido lançada num fundão. Usa-se para a enguia.

OS BARCOS

Acerca da pesca na zona considerada, falta falar nos barcos utilizados. Assim, exceptuando um ou outro *hote* ainda usado, a maioria das embarcações ao serviço da pesca é constituída por *caícas* e o restante são *valboeiros*. A caíca é um barco grande (chega a ter 7 m de comprimento), estável, podendo ser também usado no mar, em zonas costeiras. São utilizados pelos pescadores da Afurada. O valboeiro é um barco menos robusto, menos estável mas mais leve e facilmente manobrável com remos. Este tipo de barco é usado nos aglomerados piscatórios a montante da Afurada. Actualmente, quase todos os barcos possuem motor.

DISCUSSÃO

Comparando a pesca hoje efectuada, com a que é relatada pelos pescadores que se lembram de décadas passadas, constatamos imediatamente a rarefacção das espécies de valor comercial. Este facto condicionou a evolução dos métodos usados. Assim, o abandono da pesca do pilado (*Portunus puber*), um caranguejo que era usado como adubo antes do aparecimento de fertilizantes químicos, há algumas dezenas de anos (OLIVEIRA e col., 1975) implicou o desaparecimento das artes próprias à sua captura.

Artes de pesca mencionadas por BALDAQUE DA SILVA (1891), como o rosulho ou minhocada, a estacada, o botirão e a abaixa, já não são hoje usadas pelos pescadores profissionais, sem dúvida devido ao seu baixo rendimento. A diminuição da abundância do sável, provocou o quase abandono da barga, que hoje já não é usada senão ao fim de semana, por pescadores em «part-time», que fazem frequentes lances sem capturar um só peixe, em contraste com os famosos lances de mais de mil, há vinte anos atrás. Por outro lado, a redes de emalhar flutuantes aumentaram de tamanho para obter melhor rendimento.

Diminui assim a variedade de artes empregues na pesca no Rio Douro. A única arte introduzida, a tarrafa, é também um indicio da rarefacção das espécies de maior valor pois, ao explorar a tainha, dedica-se a um recurso de baixa cotação.

Também os barcos sofreram modificações ao longo dos últimos decénios, tendo desaparecido as bateiras e os botes, restando os valboeiros para pesca exclusivamente no rio e as caícas, usadas também no mar. Ainda em relação aos barcos, houve na década de setenta a motorização generalizada, facilitando o trabalho e aumentando a produtividade, devido ao aumento do esforço de pesca.

Outra sequência da rarefacção das espécies foi a diminuição do número de famílias que vivem exclusivamente da pesca. Hoje, a grande maioria dos pescadores vive também de outras actividades e muitos deles pescam só ao fim de semana ou em épocas de migração dos peixes. Ainda assim, o número de pescadores em acção continua elevado para a capacidade actual do rio.

A quantificação do esforço de pesca e das capturas é uma tarefa impossível com o actual nível de organização, uma vez que a maioria dos pescadores não descarrega o pescado em lotas mas tem compradores fixos que fogem a qualquer controle. Como exemplo, em 1979, menos de vinte por cento dos barcos registados descarregou algum peixe na lota (Relatório do ano 1979 quanto às unidades de pesca registadas em Portugal Continental e Insular). Mesmo no caso da tarrafa, cujos possuidores são obrigados por lei a apresentar mapas de capturas, os relatórios são preenchidos de acordo com os interesses de momento que, obviamente, não tomam em consideração os interesses das gerações futuras. Por outro lado, o número de artes usado não corresponde ao registado na capitania, devido a processos burocráticos nem sempre entendidos pelos pescadores que, por seu lado, algumas vezes tentam economizar os gastos do registo de algumas das suas redes. Muito dos pescadores queixam-se ainda (principalmente os da Afurada) do mau estado da barra do Douro que, se permitisse a circulação dos barcos com maior segurança, facilitaria a dispersão de mais pescadores para a pesca costeira artesanal, deixando o rio para as comunidades piscícolas mais a montante, resultando uma diminuição do esforço de pesca exercido actualmente.

CONCLUSÕES

Actualmente, os métodos de pesca utilizados pelos pescadores profissionais no Rio Douro (trecho inferior) resumem-se essencialmente às redes de emalhar flutuantes e, em menor escala, ao lampreiro, à tarrafa, à rede solheira, à chíncha, à rapeta e à rede de tela. Residualmente usa-se a barga.

Uma análise dos recursos presentes é impossível devido à inexistência de qualquer controle. Contudo, a rarefacção das espécies indica um excesso do esforço de pesca, não podendo ser atribuídas todas as culpas à construção das barragens.

Espera-se portanto a implementação de regulamentação especial para o Rio Douro, à semelhança do que aconteceu com outros rios (Minho, Lima, Cávado), no sentido de proteger não só os recursos para uma exploração racional, mas também a actividade dos que dependem exclusivamente da pesca.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a colaboração de pescadores de Avintes, Ribeira de Abade e Afurada, do Sr. Rodrigues e Sr. Branco do sindicato de pescadores da Afurada e do Sr. Comandante da Capitania do Porto, Nogueira Magalhães, cujas informações nos ajudaram a elaborar este trabalho.

BIBLIOGRAFIA

- BALDAQUE DA SILVA, 1891. *Estado actual das pescas em Portugal*. Imprensa Nacional, Lisboa.
- DAGET, 1968. Diversité des faunes de poissons dans les cours d'eau du Portugal. *Arq. Mus. Boc.* 2.º Ser., n.º 15, vol. II, 8 p.
- Elementos para a fiscalização da pesca. PGFLOTPAT-I. Marinha, Comando da Flotilha de Navios Patrulhas, 1983.
- NOBRE, A., 1935. *Fauna Marinha de Portugal. I - Vertebrados*. Porto.
- OLIVEIRA, GALHANO e PEREIRA, 1975. *Actividades agromarítimas em Portugal*. Inst. Alta Cultura. Centro de Estudos de Etnologia, Lisboa: 121-186.
- Pesca no Rio Minho. Decreto-lei n.º 316/81 de 26/1.
- Relatório do ano 1979 quanto às unidades de pesca registadas em Portugal continental e insular. Sec. Est. Pescas. Dir. Geral do Desenvolvimento e Coordenação das Pescas: 40 p.
- ROLANDA ALBUQUERQUE, 1954-6. Peixes de Portugal e Ilhas Adjacentes. Chaves para a sua determinação. *Portugaliae Acta Biologica, Ser. B*, Vol. V.
- SOUSA, A., Vocabulário de entre Douro e Vouga. I — Artes de Pesca Marítima. *Revista de Portugal, Ser. A*, Vol. XXX, Lisboa: 55p.

Dr. Paulo José Talhadas dos Santos — Assistente Estagiário; Licenciado; Frequentou a Faculdade de Ciências da Universidade do Porto; exerce funções no Instituto de Zoologia «Dr. Augusto Nobre» da Faculdade de Ciências do Porto.

Publicou: *Some Blood Parameters of one-year old rainbow trout* (de colab. of EIRAS, J.C.; LYSAK, A.; PRATA, M.J.) in «*Trab. Inst. Zool. Fac. Ciências Porto*», n.º 181: *On the Food of the Poising /Trisopterus luscus/ in the North of Portugal* (no prelo).